



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



**Para além do Garantido e Caprichoso:
perspectiva de resgates da legítima essência
do Festival Folclórico de Parintins¹**

Kedson Silva da SILVA²

Fátima GUEDES³

Marina MAGALHÃES⁴

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O artigo em pauta traz como principal objetivo mostrar de forma crítica, através de artigos, livros, dissertações, contribuições de pesquisadores e testemunhos da época, o padrão modernizado e midiático em que se transformou o Festival Folclórico de Parintins. A base interventiva sobre a original memória dos bumbás sofrera imposições da indústria cultural, há mais de 50 anos; hoje, atração turística mercadológica conhecida mundialmente; “produto” de grandes empresas e do poder público. A busca pela essência da verdadeira história dos bumbás, de seus criadores em terreiros de chão batido, chega como desafio, no sentido de resgates da identidade cultural dos nativos parintinenses, dos sonhos de meninos (curumins) e meninas (cunhantãs) de um dia representarem seus bumbás preferidos: azul (Caprichoso) ou vermelho (Garantido), na arena do Bumbódromo, com capacidade para trinta e cinco mil espectadores.

Palavras-chave: Festival Folclórico de Parintins; identidade cultural; cultura popular; atração turística mercadológica; sonhos de curumins e cunhantãs.

Introdução: sonhos de curumins e cunhantãs

O Festival Folclórico de Parintins tornou-se um mito e, como tal, é passível de leituras reflexivas que ultrapassem os limites do ver, entrem no mérito do julgar e, enfim, até seja redirecionado ou ressignificado como instrumento estratégico de

¹ Trabalho apresentado no GP 01 – Folkcomunicação na Amazônia da III Jornada Pan Amazônica de Folkcomunicação.

² Graduando do 5º período do Curso de Comunicação Social/Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: kedsonsilva2020@gmail.com.

³ Licenciada em Letras, professora de Língua e Literatura Brasileira. Educadora popular e pesquisadora de conhecimentos tradicionais da Amazônia, email: fa.femea83@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora adjunta do Curso de Comunicação Social/Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: marinamagalhaes@msn.com.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



educação e *cultura popular*⁵. Como todo mito, os bumbás utilizam-se de recursos e efeitos alegóricos reificados pela midiaticização do entretenimento, anestesiando assim a capacidade dialética no tocante ao discernimento entre falso e verdadeiro; realidade e fantasia.

Por este olhar, é perceptível, na maioria do povo parintinense e mesmo da comunidade amazonense, o orgulhar-se do manancial de criatividade em que se tornou o Festival Folclórico de Parintins, realizado na Ilha Tupinambarana, área urbana do município situado a cerca de 370 quilômetros de Manaus, região correspondente ao Baixo Amazonas. A festa dos bois (Garantido e Caprichoso), na perspectiva de *entretenimento*⁶ das massas, realiza-se há mais de cinquenta anos. Oficializara-se na década de 1966, em formato de disputa, em instrumento de lucratividade e também de riscos a categorias vulnerabilizadas socialmente – menores, dependentes químicos etc. Até então, as disputas pontuavam as cores (azul e vermelho), as toadas, os pontos divergentes entre os bois contrários.

A origem da centenária brincadeira vivenciada nos moldes de populares da cultura, conforme vivências e testemunhos de observadores⁷, teve início a partir de uma promessa de pescadores idealizada e concretizada em terreiros de chão batido. Vale ressaltar: o volume de influências e imposições elitistas sobre a matriz cultural do folguedo apagara as legítimas memórias mantidas por seus originais criadores, transformando, assim, a brincadeira legitimamente popular em entretenimento de arena, midiaticizado para o mundo. De resultado, do conjunto de interesses e influências externas, recentemente, a festa dos bumbás Garantido e Caprichoso fora reconhecida Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

⁵ Realidade cultural estruturada a partir de relações internas no coração da sociedade (BOSI, 1996).

⁶ Consiste nos atos comunicativos com intenção de distrair, divertir o receptor (BOSI, 1996).

⁷ O documentário *A vida de Raimundo Muniz no Festival Folclórico de Parintins* (2022), de Thalia Assis, reúne uma série de depoimentos sobre a origem do festival. A obra é fruto do seu Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação em Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Rodrigo da Silva. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s8ctOU-uIOo>>. Acesso em 13 jun. 2022.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



No geral, apesar de todo o processo interventivo, a festa envolve idosos, adultos, crianças, enfim, a comunidade local, estendendo-se ao Estado, sendo considerada uma tradição que atravessa gerações. Nesse sentido, cunhantãs (meninas) e curumins (meninos), influenciados por laços familiares ao mesmo tempo condicionados aos ritos classistas colonizantes, com perspectivas de desenvolvimento limitadas, viajam em ilusórias fantasias, acreditando fazerem-se existir através dos arranjos festeiros articulados na arena do Bumbódromo – Centro Cultural de Parintins, local da apresentação do Festival Folclórico que acontece nos três dias do último fim de semana de junho. E, assim, alimentam sonhos: superar complexos colonialistas, alcançar visibilidade, destacar-se e, por último elitizar-se sob padrões mercadológicos. O caminho vislumbrado na colonial ingenuidade dos “caboquinhos” da Ilha Tupinambarana aponta o assumir itens alegóricos como músicos, *levantadores de toadas*⁸, *apresentadores*⁹, *amos do boi*¹⁰, *pajés*¹¹, *cunhãs-poranga*¹², *rainhas do folclore*¹³, *sinhazinhas da fazenda*¹⁴, *porta-estandartes*¹⁵, *tripas do boi*¹⁶, enfim, artistas plásticos.

O contexto em pauta já é visível nas novas gerações desde os primeiros anos de vida e conta com o total apoio das famílias, herdeiras do mesmo processo colonial. Os futuros concorrentes iniciam o processo através da dança, dos ritmos *bumbalinos*¹⁷ com o olhar no amanhã. Dá-se início uma extensa trajetória em apresentações de festas juninas em centros infantis de ensino fundamental, em grupos de danças oficiais dos

⁸ Segundo o regulamento do Festival Folclórico de Parintins, que orienta os critérios de votação dos jurados, este item é definido como o fio condutor para o desenvolvimento do tema apresentado pelos bumbás, julgado por sua interpretação, afinação, dicção, timbre e técnica de canto.

⁹ Anfitrião, mestre de cerimônia, porta-voz e responsável de narrar a festa.

¹⁰ O dono da fazenda, menestrel que tira versos dentro dos fundamentos do espetáculo.

¹¹ Curandeiro, xamã, ponto de equilíbrio das tribos.

¹² Moça bonita, guerreira e guardiã, expressa a força através da beleza.

¹³ Item que representa a diversidade de valores expressados pela manifestação popular.

¹⁴ Filha do dono da fazenda, no auto do Boi-Bumbá de Parintins.

¹⁵ Símbolo do Boi em movimento.

¹⁶ A pessoa que dança debaixo do Boi-Bumbá.

¹⁷ São as diversificações de toadas (músicas).



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



*bois de pano*¹⁸, bois mirins e concursos infantis que acontecem na cidade de Parintins periodicamente. O perceptível entre crianças e adolescentes, já contaminadas pela lógica dos bumbás como caminho de superações étnico-culturais, reafirma-se na sincronia autômata com o gingado do *dois pra lá e dois pra cá*¹⁹ trabalhado em meio a mitos e lendas da região. Por esse olhar, a cultura trazida nas novas tendências da festa dos bois impõe às gerações envolvidas sonhos exigentes, classistas, conforme o estabelecido nas regras do sistema da lucratividade: às meninas, em especial, cobram-se padrões de beleza estabelecidos pelo mercado patriarcal.

Na prática, o argumento se materializa via seguinte metodologia: se a cunhantã tem traços indígenas, é forte candidata à futura *cunhã-poranga* (mulher mais bonita da aldeia); se tiver a pele mais clara, *rainha do folclore* ou *porta-estandarte*. Em se tratando de meninas com pele branca e cabelos louros, a disputa se volta para o item *sinhazinha da fazenda* (filha do dono da fazenda). Já os curumins, disputam a categoria *amo do boi* (pai da sinhazinha), *pajé* (curandeiro), *levantador de toada* (cantor), *apresentador* (responsável por narrar a festa) e *tripa do boi* (homem que dança debaixo do bumbá). Além dos itens em referência, ainda fazem parte do espetáculo *Pai Francisco*²⁰ e *Mãe Catirina*²¹.

Resgates da essência do festival

Aos olhos de espectadores, é inegável a grandeza em que se tornou a referida festa. No entanto, é fundamental promover leituras socioeducativas; aprofundamento no *real-concreto*²² de todo o processo estrutural hoje apresentado ao mundo. Também é imprescindível resgatar as origens, as motivações dos legítimos idealizadores da centenária brincadeira, no sentido de manter viva toda essa memória que, sutilmente, se

¹⁸ Símbolo da manifestação popular, motivo da razão de ser do Festival Folclórico de Parintins.

¹⁹ É o gingado, a dança tradicional do Festival.

²⁰ Personagem tradicional masculino que para satisfazer o desejo da mulher matou o boi-bumbá.

²¹ Personagem tradicional feminino que grávida desejou a língua do boi.

²² Em *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx (2008) afirma que o último método é manifestamente o método cientificamente exato. Já o concreto é concreto por ser é a síntese de muitas determinações, isto é, uma unidade de diverso.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



distancia de valores e princípios éticos cultivados apenas nas lembranças, já confusas, de sobreviventes da época.

A essência cultural que mantém viva qualquer sociedade só é possível a partir da valorização e cultivo de memórias ancestrais; da resistência sobre imposições e padrões da dita modernidade, da indústria cultural. Para tal alcance, em se tratando da festa dos bois, se faz urgente repensar um novo perfil sobre o que está posto, determinado: torcidas organizadas, apresentações e rituais sobre o cotidiano amazônico, lendas e figuras típicas regionais, dramatizações que trazem a miscigenação do negro, do branco e do índio na Amazônia. Se o propósito é manter a tradição original, mudanças se fazem necessárias a partir de profundas análises da realidade na qual se transformou a festa dos bois, concebida há mais de cem anos, nos terreiros da Ilha Tupinambarana; enfim, a dialetização entre grupos afins.

No contexto da festa dos bois, outros personagens sobrevivem bravamente às regras do sistema festeiro – os artistas plásticos. Apesar do destaque de seus trabalhos em toda a simbiose coreográfica do festival, a maioria também é afetada pelo sistema desigual na distribuição dos lucros e devidos direitos. São eles os responsáveis pela confecção das magníficas alegorias; são figurinistas (a maioria mulheres invisibilizadas na tentativa da sobrevivência); são desenhistas, coreógrafos, músicos vivendo fantasias, sonhos que ultrapassam gerações e encantam milhares de pessoas todos os anos. A propósito, o contexto da produção artística na festa dos bois clama por justa valorização aos sujeitos empenhados (homens e mulheres). São eles a alma de toda mística inspiradora que vêm sustentando o Festival Folclórico de Parintins.

Um aspecto relevante no processo de dialetização sobre o Festival, na perspectiva de resgatar a legítima essência da festa, propõe desmistificação da indústria cultural imposta à cultura popular. Conforme dito, a maioria das famílias influencia os filhos na escolha dos bois. Contudo, com a projeção midiática do folclore da Ilha e as imposições cada vez maiores da indústria cultural, que alimentam a padronização da festa, muitos genitores perderam a motivação, justificando que muitas crianças



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



parintinenses, nutridas da esperança de um dia chegarem a itens da festa dos bois, viram seus sonhos "roubados" por pessoas vindas de outros estados.

Hoje, cada vez mais, é determinante: a maioria dos itens que se apresentam em nome da cultura local são escolhidos por dirigentes dos bumbás, submissos a comandos financeiristas: embora, na condição de cidadãos de Parintins, ignorem valores e expressividades locais e priorizem figuras de outras regiões (a exemplo do público que vêm de fora da ilha, do estado e até mesmo do país).

Importante trazer à reflexão: a manifestação folclórica criada, há mais de cem anos, por pescadores, ainda hoje é sustentada pelas contribuições (mal remuneradas) das populações de baixo poder aquisitivo, adeptos da contracultura mercantil. O coletivo referendado permanece invisibilizado em galpões e QGs (locais de produção de indumentárias e módulos alegóricos).

Do que está posto, de forma crítico-analítica, o presente artigo traz como objetivo central, problematizar a dinâmica, o *modus operandi* do Festival Folclórico de Parintins, enquanto “produto cultural”. Na contramão da essência semeada por seus idealizadores, o atual perfil do Festival de Parintins vende a falsa imagem do indígena, do “caboco”, do nativo num formato padronizado, modernizado, midiaticizado em cumprimento às determinações das bases político-ideológicas verticalizantes que dominam a atual conjuntura brasileira, em detrimento de todo o legado cultural deixado por nossas ancestralidades.

Sob o olhar da educadora popular Fátima Guedes²³ (2002, p. 52), no artigo “Saga do boi-bumbá em preto-e-branco”, entre o ontem e o hoje, as distâncias acentuam-se e o horizonte torna-se enigmático. “Não se trata de saudosismo, até porque acreditamos na história como tempo de possibilidades, mas de compreender os mecanismos de intenções sobrepujando-se ao processo de mudanças, de reinvenções” E,

²³ Fátima Guedes, que assina este artigo como coautora, é uma das fundadoras da Associação de Mulheres de Parintins, da Articulação Parintins Cidadã, da TEIA de Educação Ambiental e Interação em Agrofloresta, Militante da Marcha Mundial das Mulheres e da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde. Autora das obras *Ensaio de Rebeldia*, *Algemas Silenciadas*, *Vestígios de Curandage* e Organizadora do Dicionário *Falares Cabocos*.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



conforme Karl Marx (2008), aquilo que os homens haviam encarado como inalienável (arte, amor, ciência e consciência) tornou-se objeto de troca, de tráfico, a partir de uma visão de que tudo passou a comércio.

O tema em destaque nos conduz a repensar, reavaliar o contexto da festa dos bois. Ao mesmo tempo, nos leva a buscar respostas plausíveis, no sentido de preservar o que cultivamos de memórias culturais nativas, sensibilizando as novas gerações como agentes interventores e reconstrutores de futuros festivais, na perspectiva de manter viva nossa cultura, a herança de nossos ancestrais nessa expressão artística conhecida no Brasil e no mundo.

Folclore e tradição

O Festival Folclórico de Parintins é a referência cultural de muitos municípios do Estado do Amazonas. Com o seu crescimento estrutural também alavancou as demais festas culturais, haja vista o coletivo de artistas de ambos os bumbás, Garantido e Caprichoso, estar em todos os lugares participando dessa evolução que usa como referência o contexto de apresentação de Parintins.

De acordo com Thalia Simões (2022), o festival é visto como uma festa de criatividade, com temas culturais de grandes manifestações populares que representam o Norte do país, sobretudo a região da Amazônia. Logo, a festa que começou a partir de arraiais, promovidos com o objetivo de arrecadar verbas para construção da maior igreja do interior do Amazonas (CERQUA, 1980), no decorrer dos anos reuniu manifestações culturais distintas, de apresentações de quadrilhas a encenações no meio das ruas, até culminar na hoje tradicional disputa dos bois.

A brincadeira do boi-bumbá foi trazida originalmente do Nordeste (Bumba meu boi), pelos seringueiros que brincavam desde os terreiros de seus alojamentos e a introduziram no folclore amazonense. De acordo com o pesquisador Raimundinho Dutra, em seu livro *A Revelação Histórica do Folclore Parintinense* (2005), o primeiro “boi” do Amazonas foi o Boi Turuna, criado em 13 de março de 1910, tendo como brincantes: Victor de Sousa Assumpção, mestre Rocha, Victorio Coutinho Dutra, João



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



do Roque, Lindolfo Monte Verde, “Bitó Cachimbo”, Sila Marçal, Rosa Marçal, Mundico Cid, Jango Xavier, Antônio “29” Filho, João Ribeiro (“João Tutu”), Duduquinha Cruz e João Marçal.

Nascia o Bumba-meu-boi “Turuna”,
Alegrando assim a toda cidade,
Dia-a-dia mais diversão
Livrando a todos da calamidade
Num 13 de março de 1910,
Primeiro boi na terra da festividade.
Os meninos corriam
À residência de mestre Marçal
Ansiosos por saberem
O dia inicial,
As autoridades o parabenizavam pelo feito cultural.²⁴

Depois vieram outros bois, citando: Diamantino, Ramalhete, Fita Verde, Corre-Campo, Mina de Ouro, Galante e Campineiro. De 1925 a 1934, a brincadeira de boi em Parintins mantinha a tradição dos verdadeiros personagens do bumba-meu-boi: doutor-da-cachaça, doutor-cura-bem, mãe-Maria, pai-Francisco, mãe-Catirina, rapaz, vaqueiro e o amo, 1º e 2º no seu verdadeiro papel de representação folclórica, o que na essência, embora simples e popular (DUTRA, 2005).

A história do Boi-Bumbá Caprichoso é um milagre de fundação coletiva pelos irmãos Roque, Félix e Nascimento Cid, Luiz Gonzaga, Boboi e Emídio Vaz (SANTOS, 2019), O boi é representado pelas cores azul e branca e possui uma estrela na testa. O Boi-Bumbá Garantido tem como fundador Lindolfo Monte Verde, tendo as cores vermelha e branca e um coração na testa. Ambas as agremiações folclóricas iniciaram em 1913, e hoje rivalizam na arena do Centro Cultural de Parintins (Bumbódromo). O local é composto estruturalmente por camarotes, cadeiras especiais e arquibancadas para a participação de torcedores. Como dito, a festa que acontece no último final de semana do mês de junho e conta com cinco horas de apresentação, dividida em 2 horas e 30 minutos para cada bumbá. Durante a disputa, 21 itens são julgados, podendo ser individuais (apresentador; levantador de toada; cunhã-poranga; porta-estandarte; rainha

²⁴ Trechos da obra poética “Nasce o Bumba-meu-boi”, de Raimundinho Dutra.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



do folclore; sinhazinha da fazenda; boi-bumbá; pajé; amo do boi) ou coletivos (marujada ou batucada, uma espécie de bateria dos bumbás; ritual indígena; toada, que compreende letra e música; tribos indígenas; tuxauas, que são chefes da tribo e personagens caboclos; figura típica regional; alegorias; lenda amazônica; vaqueirada, os vaqueiros que acompanham o boi; galera, composta pelas torcidas organizadas; coreografia e organização do conjunto folclórico).

A oficialização do festival de Parintins iniciou em 1965, com a presença de 22 quadrilhas juninas, mas ainda sem a presença dos bois Caprichoso e Garantido. A primeira disputa oficial entre os bumbás só veio acontecer no ano seguinte, 1966, a convite de um grupo de amigos ligados a Juventude Alegre Católica (JAC). Naquela época, o critério estabelecido para definir o campeão era ser o boi mais aplaudido pelos presentes.

Com o reconhecimento mundial, a festa leva todos os anos para a arena do Bumbódromo simbolismos regionais que representam os povos indígenas e o homem ribeirinho nortista. A rivalidade faz com que a cidade se divida por cores, ritmos e torcedores. Geralmente, o lado oeste da cidade se fantasia de vermelho (em homenagem ao boi Garantido); já o lado leste, de azul (Caprichoso). A Catedral de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade, é o marco de referência para a divisória dos bumbás e funciona como uma espécie de linha imaginária da divisão dos moradores – ou torcedores – da cidade.

As pesquisadoras Letícia Gomes e Mayara Nascimento (2002, p.4) afirmam que a festa, “que teve sua história iniciada de forma tímida em 1965, por meio da influência da Igreja Católica, sofreu grandes transformações no âmbito de suas temáticas”. Para (CAVALCANTI, 2000) “com a agregação dos bumbás Garantido e Caprichoso, passou a se expandir atingindo proporções nacionais e mundiais, recebendo patrocínios notáveis que trouxeram mudanças nas relações capital e setor turístico”.

Distorções da representação cultural



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Os padrões, conforme o exposto, manifestam-se desde as primeiras apresentações infantis. No momento atual, os sonhos de muitos desses pequenos são interrompidos pelo preconceito, bullying e discriminação racial, pois nem sempre uma criança indígena ou parda pode se apresentar como cunhã-poranga e, dependendo do tom da pele ou da cor preta dos cabelos, também é impossibilitada de ser sinhazinha da fazenda. Outras referências como exemplo: os personagens folclóricos pai Francisco e Mãe Catirina têm representação negra, por remeter à lenda de um casal escravizado; porém, já aconteceu o oposto: no festival, pessoas brancas pintarem o rosto e o corpo de preto para representá-los na arena de apresentação.

Considerando-se as vulnerabilidades socioeconômicas da maioria das famílias parintinenses, o volume de turistas que chegam à ilha é um portal para famílias de baixa ou sem renda iniciarem crianças e adolescentes em atividades produtivas como vendas, atendimentos em bares, lanchonetes, além da prestação de serviços em pousadas etc. Em consequência dessa realidade, incontáveis malefícios recaem sobre a vida dos pequenos. Dentre os ecos mais ouvidos e denunciados por anônimos – a despeito das estratégias de silenciamentos e prevaricações institucionais, no sentido de mascarar a crise sobre a cultura popular – citam-se: exploração do trabalho infantil, redes de exploração sexual e tráfico de drogas. Em princípio, a embriaguez social alimentada pelo entretenimento da cultura de massa, constante nos dias de festival, usa de argumentos estrategicamente alienantes e justifica desrespeitos aos direitos fundamentais à dignidade humana, como uma necessidade emergencial das famílias em processo de aquisição de renda básica.

Apesar das inúmeras campanhas de conscientização no combate ao crime de exploração do trabalho infantil, de assédio generalizado, e de abusos sexuais, problemas como prostituição, iniciação do consumo de drogas, trabalho escravo e situações semelhantes são comuns nesse período de festa. A presença do Conselho Tutelar nos eventos que antecedem a festa e durante a apresentação dos bumbás se faz reconhecida, além dos cuidados na definição de horários para a circulação de menores em via pública. No entanto, na maioria dos casos, são sussurros abafados, na contramão de



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



mídias persuasivas a serviço da indústria cultural dos bumbás. O fato é comprovado, quando o assédio parte de grupos financiadores do festival.

Em remate, dependendo do grau da violência sofrida e silenciada, muitas crianças perdem o interesse pela vida, pela escola, revoltam-se com o núcleo familiar e, por fim, anulam a luta pelos sonhos cultivados na pureza própria das crianças. Sob a visão da Psicologia, “quando a cultura popular entra em crise, quando se empobrece e desagrega, os prejuízos que daí advêm afetam a segurança subjetiva do ser humano que se reduz de seu papel de criador e renovador da cultura para o de consumidor” (BOSI, 1996, p. 65).

Festival e indústria cultural

Há muitos anos, o festival dos bois de pano passou por diversas modificações para se adequar à modernidade ditada pelos patrocinadores oficiais da festa. Hoje, atuam como meros servidores culturais que exploram quem realmente são os donos da festa, o povo: desde o “pueirinha” (responsável da limpeza dos galpões de alegorias), até a costureira, o soldador, o escultor e os presidentes das agremiações – muitos destes alçados ao cargo com apoio político, estando nessa cultura de comércio apenas para “balançar a cabeça” e concordar com as imposições impostas.

Os marginalizados de cultura, o povo criador da cultura popular, prepara a festa para os visitantes. Sem brincar a tradição, parte da população parintinense usa o mês festivo de junho para conseguir uma renda para a família com as variações de vendas. Os artistas que embelezam carnavais e festivais pelo Brasil e pelo mundo veem sua cultura e tradição ameaçadas pelo consumismo, com sussurros de: “O festival vai pra Manaus”. Com a exploração da comunicação de massa, a capital do Estado do Amazonas lucra o ano inteiro com a festa, enquanto os donos originais do festival, os “Parintintins” a preparam e a assistem em casa pela televisão.

Ademais, os marginalizados da cultura precisam se desdobrar para acompanhar a alta dos preços dos mais variados setores de Parintins no período do festival, adotados inclusive por parte das patrocinadoras da festa. O fenômeno é impulsionado pela lógica

da indústria cultural, que visa sempre o lucro e o pensamento dominante, apresentando ilusões padronizadas sobre a população consumidora, exploração da sua cultura e dos seus artistas.

O uso dos meios de comunicação de massa é uma das principais práticas da indústria cultural no festival da Ilha Tupinambarana, que apresenta sempre novidades dos patrocinadores do evento. Isso ocorre inclusive entre as classes desfavorecidas, que sem pensar em suas condições financeiras são alienadas à compra dos produtos expostos, utilizando-se de padrões de consumo do sistema capitalista que se repetem ao consumismo e a alienação, independente da realidade social.

Em meio às mudanças da hipocrisia adotada na modernização da festa, a tela intitulada “Afro-Amazônico”, do artista plástico Glaucivan Silva, venceu a disputa para se tornar o cartaz do 55º Festival Folclórico de Parintins em 2022.



Figura 1: Reprodução da tela “Afro-Amazônico” de Glaucivan Silva

A obra define bem nossa miscigenação a partir da cara pintada, representação original do povo amazônida. Em crítica, é uma pena que os parintinenses, amazonenses,



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



o brasileiro como um todo e os turistas que prestigiam a festa só queiram ser índio e ter a “cara pintada” no mês de junho. Até mesmo indígenas, caboclos e negros, pertencentes à região amazonense e amazônica, têm vergonha da sua ancestralidade fora do período do Festival Folclórico de Parintins ou de outras manifestações temáticas.

Considerações finais

Apesar dos recolhimentos estruturantes às contradições relativas à cultura popular aqui postas, há uma forte corrente de intenções, mesmo isoladas, em defesa da legítima cultura parintinense, enquanto herança das populações tradicionais. Dentre as intenções de resgate da essência do Festival Folclórico de Parintins, o turismo sustentável clama por voz e vez. Para tal alcance, é fundamental criar uma infraestrutura compatível, a princípio, às necessidades socioambientais e turísticas. São prioridades: respeito à paisagem natural, ambiente equilibrado, efetivação da Lei Federal 9.605/98, contra crimes ambientais; Lei dos resíduos sólidos 12.305/2010; alternativas de lazer, segurança, oferta de alimentação saudável, entre outras aspirações.

O cidadão parintinense também carece de autoconsciência, de nutrientes étnico-culturais compatíveis às matrizes silenciadas pela indústria cultural. Há mais de cem anos, a festa dos bois encanta a quem a prestigia. Logo, é fundamental, um projeto coletivo no sentido de despertar sonhos adormecidos e o interesse das crianças por sua cultura, por meio da educação popular ambiental. Por essa via, vislumbram-se resgates comprometidos com a sustentabilidade da maior manifestação cultural do norte do país – o Festival Folclórico –, cuja modernização envolve contexto cultural tradicional contado em mitos e lendas, através dos legítimos filhos da terra.

Apresentamos, neste artigo, através de pesquisa bibliográfica, acontecimentos históricos que chamam atenção, via comunicação de massa, sobre a importância de revitalizar a tradição de uma festa popular que resiste e insiste em manter os elos com o verdadeiro sentido da cultura legitimamente popular.

Em suma, a marcha dos povos tradicionais é antiga. O espetáculo do boi precisa que as bandeiras que acenam para o horizonte, sejam elas azuis ou vermelhas, também



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



descortinem a realidade cultural parintinense. Quem sabe assim a população entenda que o acervo bumbalino, como mirada de “mudanças e transformações nas esferas social, política, econômica e cultural, vai além do azul, do vermelho, dos três dias de festival” (GUEDES, 2002), uma vez que a história é um tempo de possibilidades de reconstruções. Quem sabe assim, após a missa da matriz, nosso povo seja feliz, como canta a toada de Chico da Silva. “Salve, irmãos! Salve, irmãs!”²⁵.

REFERÊNCIAS

A VIDA de Raimundo Muniz no Festival Folclórico de Parintins. Direção: Thalia Simões. Produção: Amazon Rec. **YouTube**. 5 jun. 2022. 24 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s8ctOU-uIOo>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular** – Leituras operárias. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

CAVALCANTI, M. L. V. C. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, supl. p. 1019-1046, set. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000500012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2022.

CERQUA, A. **Clarões de fé no Médio Amazonas**: a prelazia de Parintins no seu jubileu de prata. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.

DUTRA, R. **A Revelação Histórica do Folclore Parintinense**. Parintins: Editora Secretaria de Cultura de Parintins, 2005.

GOMES, L. V.; NASCIMENTO, M. G. R. O. Festival Folclórico de Parintins: uma análise teórica das influências culturais indígenas. In: ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, XVII, 2021. **Anais eletrônicos**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132193.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2022.

GUEDES, F. Saga do boi-bumbá em preto-e-branco. **SOMANLU** – Revista de estudos amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. ANO II, nº 2: edição especial. Manaus: Valer, 2002, p. 51-58. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/260/134>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

²⁵ Referência ao trecho da toada “Boi do Carmo”, do compositor Chico da Silva.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2008.

SANTOS, M. **Um canto de Esperança para Mãtria Brasilis**. Parintins: Editora Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, 2019.